

**AUTOMEDICAÇÃO ENTRE AS TRABALHADORAS DE ENFERMAGEM DE
UM HOSPITAL DE UBERABA – MG****SELF MEDICATION AMONG THE FEMALE WORKERS FROM A HOSPITAL
IN UBERABA – MINAS GERAIS****AUTOMEDICACIÓN ENTRE LAS ENFERMERAS EN UN HOSPITAL EN
UBERABA - MG**Cléria Maria Lobo Bittar¹, Isabel Lucas Gontijo²**RESUMO**

O objetivo deste trabalho foi conhecer o hábito de automedicação entre trabalhadoras da área da enfermagem de um hospital de Uberaba (MG) e as principais queixas em relação à saúde. As 142 participantes responderam a um questionário que avaliava a relação entre o perfil destas e algumas variáveis que poderiam contribuir para este hábito. Para a discussão dos dados adotou-se a estatística descritiva. Verificou-se que 54% das auxiliares e técnicas de enfermagem e 66% das enfermeiras, utilizavam de modo frequente ou esporádico, medicamentos sem recomendação médica. Observou-se que os transtornos psíquicos (depressão, estresse e ansiedade) apareceram em maior proporção entre as enfermeiras (36%) e as doenças

osteomusculares foram mais frequentes entre as técnicas e auxiliares de enfermagem (25% cada), representando os principais problemas de saúde e causas de afastamento do trabalho. A automedicação apareceu como uma prática comum entre as trabalhadoras, justificando-se pela oferta e a disponibilidade dos medicamentos encontrados por esta categoria profissional.

Palavras-chave: Mulheres, Enfermagem, Automedicação.

ABSTRACT

The objective was to get into the habit of self-medication among workers of the nursing area of a hospital in Uberaba (MG) and the main complaints regarding health. The 142 participants answered a questionnaire evaluating the relationship between their profiles and some variables that could contribute to this habit. For a discussion of the data

¹ Psicóloga. Docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Promoção de Saúde e do curso de Psicologia da Universidade de Franca- UNIFRAN. SP. E-mail: profa.cleriabittar@gmail.com

² Psicóloga. Mestre em Promoção da Saúde pelo Programa de Mestrado/ Doutorado em Promoção da Saúde da Universidade de Franca. E-mail: xanbel@netsite.com.br

we adopted the descriptive statistics. It was found in this study that 54% of nursing assistants and technical and 66 % of the nurses used to frequent or sporadic drugs without medical advice. It was observed that the psychic disorders (depression, stress and anxiety) appeared greater proportion among nurses (36%) and musculoskeletal disorders were more frequent among the technical and nursing assistants (25 % each), representing the major health problems and causes of absence from work. Have self-medication appeared as a common practice among the workers, justified by the supply and availability of drugs found for this profession.

Key words: Women, Nursing, Self-medication.

RESUMEN

El objetivo era conseguir en el hábito de la automedicação entre los trabajadores del área de enfermería de un hospital en Uberaba (MG) y las principales quejas con respecto a la salud. Los 142 participantes respondieron a un cuestionario de evaluación de la relación entre estos perfiles y algunas variables que podrían contribuir a este hábito. Para un análisis de los datos adoptamos la estadística descriptiva. Se encontró en este estudio que el 54 % de los auxiliares

de enfermería y técnicos y 66 % de las enfermeras utiliza para medicamentos frecuentes o esporádicos, sin consejo médico. Se observó que los trastornos psíquicos (depresión, estrés y ansiedad) aparecieron en mayor proporción entre las enfermeras (36%) y los trastornos musculoesqueléticos fueron más frecuentes entre los asistentes técnicos y de enfermería (25 % cada uno), que representa a los principales problemas la salud y las causas de la ausencia del trabajo. La automedicação apareció como una práctica común entre las trabajadoras, que se justifica por la oferta y disponibilidad de drogas encontrados para esta profesión .

Palabras clave: Mujeres, Enfermería, Automedicação.

INTRODUÇÃO

O fenômeno da globalização trouxe consigo mudanças na nossa forma de viver que afetam a vida de milhares de pessoas, facilitando a adoção de um estilo de vida que promove a adesão a determinados hábitos de consumo nocivos à saúde, tais como o consumo de álcool, tabaco e automedicação¹ .

A medicalização é um fenômeno complexo, polêmico e multifacetado. O consumo é algo inerente ao homem,

havendo uma relação entre as transformações da sociedade e o aumento deste fenômeno, que se torna um problema de saúde pública². O consumo de medicamentos envolve um conjunto complexo de fatores como; padrões culturais, grau de instrução e informação sobre remédios, práticas individuais e familiares, classe social, influência da mídia³ e do mercado. Tal conjunto de situações pode levar a população ao uso desnecessário de medicamentos, que, sem os devidos cuidados, podem acarretar efeitos nocivos à saúde⁴, inclusive sendo apontado como uma das principais causas de intoxicação no país.

A automedicação busca o alívio de sintomas, ou sustenta a crença de que o uso de tal produto trará benefícios ao sujeito⁵. Sua banalização apresenta falsamente um caminho mais rápido para atingir o bem-estar, a saúde e a felicidade, facilitada pela prática desnecessária da “terapia da empurroterapia”⁶ que se constitui do fornecimento de um medicamento pelo balconista, o que além dos efeitos adversos à saúde implica em gastos desnecessários com esta⁷.

No trabalho da enfermagem, a ansiedade, intrínseca à atividade de cuidado da doença/doente, é intensificada pela própria organização

do trabalho. Além disso, a sobrecarga de trabalho é um aspecto evidente, o que parece contribuir para o aparecimento de sintomas físicos e psíquicos que propicia a busca para o alívio deste tipo de sofrimento⁸⁻¹⁰. Soma-se ao fato a facilidade com a qual estes profissionais dispõem no acesso e no manuseio de medicamentos, o que favorece a automedicação, ainda que conheçam os riscos inerentes a esse hábito^{11,12}.

Diante do exposto torna-se necessária a reflexão das condições específicas de trabalho dos profissionais da saúde, com destaque para as trabalhadoras de enfermagem. Esta pesquisa teve como objetivo conhecer o hábito de automedicação de um grupo de trabalhadoras da área da enfermagem em um setor de um hospital em Uberaba, MG. Também buscou identificar os principais problemas de saúde e as causas de afastamento mais frequentes entre estas profissionais, e como esses repercutiam em sua saúde e em suas vidas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, cujo instrumento de coleta de dados adotado foi um questionário estruturado sobre os hábitos de consumo de medicamentos sem prescrição médica. Também buscou

conhecer os principais problemas de saúde relatados pelas profissionais e as causas mais frequentes de afastamento. Os dados foram colhidos no mês de novembro de 2011, em diversos setores e turnos de trabalho (manhã, tarde e noite).

Para a análise das respostas das questões objetivas adotou-se para cada participante um número de identificação. Dessa forma os dados foram transcritos para uma planilha do Office Excel® 2003 e submetidos a uma análise estatística descritiva, disponível no próprio software, com Intervalo de Confiança (IC=95%). Por critério de relevância para o estudo, dentre as medidas encontradas, foram usadas a média e o desvio padrão, e para as variáveis (idade, tempo de serviço, número de filhos) foram calculadas as frequências absolutas.

Considera-se para a finalidade desse artigo, os resultados pertinentes ao perfil das participantes, (dados sobre estado civil, número de filhos, tempo de trabalho), e os resultados referentes às doenças/problemas de saúde que mais as acometem, as principais causas de afastamento e dados sobre o hábito da automedicação.

2.1. Participantes e aspectos éticos da pesquisa

Fizeram parte do universo desta pesquisa as trabalhadoras da enfermagem (enfermeiras, técnicas e auxiliares de enfermagem) de um hospital em Uberaba- MG.

Como critério de inclusão estipulou-se que participassem do estudo, as trabalhadoras da área de enfermagem que tivessem mais de um ano de atividade no presente hospital, sendo excluídos os profissionais do que não quiseram assinar o TCLE ou aqueles que estiveram afastados, por motivos de enfermidade, licença maternidade ou outros motivos, no momento da coleta de dados.

Todas as 199 mulheres da equipe de enfermagem foram convidadas a participar do estudo, no entanto apenas 142 mulheres (71%) consentiram, assinando o TCLE e posteriormente respondendo ao questionário.

Esta pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFRAN de Franca, (Protocolo nº 6106/10) obedecendo aos princípios éticos relacionados à pesquisa com seres humanos, como determinados na Resolução 466/12.

3. RESULTADOS

3.1 Perfil das participantes

Das 142 participantes, a idade máxima encontrada foi de 64 anos e a mínima foi de 20 anos. A idade média variou de, no mínimo 28,51 até no máximo 48,51 anos (média: 38,5 anos; desvio padrão $\sigma = \pm 10,01$ anos).

Quanto ao estado civil 33%, eram solteiras, 34% casadas, 13% viviam uma união estável, 15% eram separadas, 3% viúvas e 2% não responderam. Quanto ao fato de terem ou não filhos, 62% disseram tê-los e 38% não. O número médio de filhos variou de no mínimo 0,02 até no máximo 2,44 filhos (média: 1,20 filhos; desvio padrão $\sigma = \pm 1,44$).

Em relação ao vínculo empregatício com outra instituição e o tempo de serviço, 83% das profissionais não tinham outro vínculo empregatício. O tempo médio de serviço na carreira variou de no mínimo 2,49 até no máximo 16,47 anos (média: 9,48 anos; desvio padrão $\sigma = 6,99$ anos), todavia além de sua jornada de trabalho, a maioria das mulheres fazia atividades extras para aumentar sua renda.

Em relação aos problemas de saúde 96% referiram ter algum problema. Dentre as auxiliares de enfermagem, quatro (31%) afirmaram

ter algum problema de saúde enquanto nove (69%) não. Quanto às enfermeiras, 14 (53%) apontaram algum problema de saúde e 12 (46%), não. Já as técnicas de enfermagem, 43 (42%) disseram ter algum problema de saúde, por outro lado, 56 (58%) afirmaram que não possuem.

Dentre os principais problemas de saúde observados entre os auxiliares de enfermagem citaram-se: problemas ósteomusculares (25%), transtornos de origem psicoemocional (25%), hipertensão/diabetes (25%) e outros (25%).

Entre as enfermeiras, cinco (36%) apontaram terem sofrido de transtorno psíquico (depressão e ansiedade), três (21%) de hipertensão/diabetes e seis (43%) de outros problemas (hipotireoidismo, problemas metabólicos, alergias, infecções). Já as técnicas de enfermagem, seis (14%) apontaram sofrer de hipertensão/diabetes, 11 (25%) de problemas osteomusculares (tendinite, relacionados com a coluna), sete (16%) de algum transtorno psíquico e 19 (44%) de outros problemas (alergias, problemas oculares, endócrinos).

De acordo com o presente estudo, as doenças ósteomusculares (lombalgia, tendinite, dor muscular,

epicondilite, problemas de articulação nas mãos e ombros) são a primeira causa de afastamento do trabalho, seguido dos problemas psíquicos (depressão, estresse e ansiedade) para as trabalhadoras de todas as categorias estudadas. Em seguida evidenciaram-se as doenças do sistema vascular e endócrino (hipertensão e diabetes), entre outras doenças menos comuns, como os problemas alérgicos (bronquite e rinite alérgica), vasculares (edema linfático) e outros do sistema endócrino (tireóide e colesterol alto), além de enxaqueca.

Quanto à busca por auxílio profissional, observa-se que oito (62%) auxiliares de enfermagem relataram terem buscado ajuda profissional, enquanto cinco (38%) disseram que não. Em relação às enfermeiras, 14 (54%) buscaram ajuda profissional e 12 (46%) não. Entre as técnicas de enfermagem, 46 (47%) buscaram auxílio profissional e 53 (53%), não.

Quanto ao tratamento, seis (43%) auxiliares de enfermagem faziam algum tipo de tratamento médico ou psicológico, enquanto sete (57%) não. Entre as enfermeiras, 16 (62%) delas faziam tratamento e 10 (38%) não, e, em relação às técnicas de enfermagem, 37 (37%) faziam algum tipo de tratamento contra 62 (63%) que não

faziam nenhum tipo de tratamento para saúde.

Observa-se que a maioria das mulheres relatou ter buscado auxílio profissional para um problema de saúde, e entre os profissionais mais procurados estavam os médicos de diversas especialidades, psicólogos e fisioterapeutas, sendo que apenas uma participante citou a acupuntura como um tratamento alternativo.

Quanto ao fato de estarem em tratamento medicamentoso para alguns desses sintomas acima citados, sete (57%) auxiliares de enfermagem estavam usando algum tipo de medicação e seis (43%) não. Entre as enfermeiras, 14 (54%) estavam usando medicamentos e 12 (46%) não. Entre as técnicas de enfermagem, 37 (37%) delas estavam fazendo algum tratamento com medicação e 62 (63%) não.

O tratamento de uma doença crônica era o motivo principal apontado pela maioria, para o uso de medicamentos, sobretudo quando os problemas relacionavam-se aos sistemas vascular e endócrino (hipertensão, tireóide, colesterol alto e diabetes), seguidos dos problemas osteomusculares e dos psíquicos, como a depressão e ansiedade. No quesito 'outros', encontram-se o uso de anticoncepcional, reposição hormonal,

glaucoma, problema de refluxo, enxaqueca e labirintite.

Em relação ao uso de medicação por conta própria, entre as auxiliares de enfermagem uma (8%) referiu fazer uso, seis (46%) disseram “às vezes” e seis (46%) disseram que não. Quanto às enfermeiras, sete (27%) disseram sim, 10 (39%) às vezes e nove (34%) disseram não. Entre as técnicas de enfermagem, 15 (15%) disseram fazer uso, (39%) às vezes, e 46 (46%) não.

Os motivos mais comuns que as levaram a se automedicarem, fizeram uso a maioria delas de medicação por causa de cefaleia ou dores em geral por dois ou mais motivos.

Quanto ao afastamento por motivo de saúde, nove (69%) das auxiliares de enfermagem já se afastaram e quatro (31%) não. Entre as enfermeiras, 15 (58%) delas mencionaram o afastamento e 11 (42%) afirmaram que nunca se afastaram do serviço por motivo de saúde. Já entre as técnicas de enfermagem, 69 (70%) delas já se afastaram e 30 (30%) não.

Das mulheres que já se afastaram, os principais motivos, sem ser gestação, foram problemas decorrentes de doenças osteomusculares, enxaqueca, gastrite, conjuntivite, acidente de trabalho, labirintite, aborto, intoxicação, estresse,

ansiedade, depressão e hipertensão.

4. DISCUSSÃO

Observou-se, neste estudo, que 54% das auxiliares e técnicas de enfermagem e 66% das enfermeiras utilizavam de modo frequente ou esporádico de medicações sem recomendação médica. As causas mais comuns para a automedicação foram cefaleia, dores em geral e gripes. Esse dado foi consoante com estudo realizado por Oliveira e Pelógia¹³, que mostrou a maior incidência da cefaleia na automedicação. A automedicação acontece em busca do alívio da dor e dos sintomas, ter ou não um problema de saúde não pareceu ser um fato relevante, pois a maioria disse não possuir uma patologia crônica, mas episódios agudos de dor. Fato relevante diz respeito às dores de origem musculoesquelético e ósteomusculares, que são queixas comuns dentre os trabalhadores da Enfermagem, conforme apontam estudos^{14,15}.

A grande maioria disse estar satisfeita com a vida pessoal e profissional, o que reforça a hipótese de que a automedicação entre estas trabalhadoras, não estar relacionada com o grau de satisfação ou a presença de patologias, como esperado, mas sim ao fácil acesso às substâncias por parte

dos profissionais da área da saúde e ao consumismo que é estimulado em nossa sociedade^{3, 16}.

Os resultados deste estudo nos mostram que as profissionais se automedicam devido ao fácil acesso e algum conhecimento sobre o efeito dos medicamentos, o que pode gerar certa confiança para se automedicarem. A facilidade de acesso aos medicamentos facilita o uso e a dependência^{3-4, 6, 13, 16-17}. Observou-se uma preferência pela automedicação devido à rapidez e à facilidade de aquisição dos medicamentos. Esse alto índice de automedicação é observado na população brasileira e mundial¹⁶. Há necessidade do desenvolvimento de ações nos campos da prevenção e da promoção voltadas à superação desse problema, e também implementar políticas e ações educativas que incluam a educação dos profissionais da saúde e pacientes quanto ao uso racional de medicamentos¹⁸.

No presente estudo os transtornos psíquicos (depressão, estresse e ansiedade) apareceram em maior proporção entre as enfermeiras (36%) do que as doenças osteomusculares que foram mais frequentes entre as técnicas e auxiliares de enfermagem (25% cada).

Uma possibilidade para a

ocorrência desse fenômeno entre as enfermeiras, talvez se explique porque estas exercem mais funções administrativas (coordenação, tomada de decisões). Já entre as técnicas e auxiliares de enfermagem, predominam as doenças osteomusculares por exercerem mais funções de cuidado ao paciente (cuidados de higiene, por exemplo).

Os problemas crônicos como a hipertensão arterial e diabetes, foram encontradas nas três categorias profissionais, possivelmente, decorrentes da mudança do estilo de vida das mulheres, pois pouquíssimas relataram possuir hábitos saudáveis, tais como: alimentação adequada, prática de exercícios e boa qualidade do sono. Entre outras doenças apareceram os problemas alérgicos (bronquite e rinite alérgica), vasculares (edema linfático), e outros problemas do sistema endócrino (tireóide e colesterol alto), além de enxaqueca.

Os problemas oculares (conjuntivite), episódios de enxaqueca e acidentes de trabalho também representaram causas de afastamento, entretanto a maioria dos problemas de saúde apresentadas são crônicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado aponta que a

maioria das trabalhadoras de enfermagem faz uso de modo frequente de medicações sem recomendação médica, sendo as causas mais comuns para a automedicação a cefaleia e as dores ósteomusculares. Nem sempre, todavia, a automedicação estava relacionada diretamente ou exclusivamente à presença de patologias, mas sim, devido ao fácil acesso o que as levava ao consumo desnecessário de medicamentos.

Acredita-se, portanto, que intervenções no ambiente de trabalho devam ser feitas com o intuito de orientar, auxiliar e criar um espaço de trocas de experiências, fomentando ações que representem a possibilidade para que possam com autonomia e se sentirem valorizadas pessoal e profissionalmente.

REFERÊNCIAS

1. Botti, NCL, Lima, AFD, Simões, WMB. Uso de substâncias psicoativas entre acadêmicos de enfermagem da Universidade Católica de Minas Gerais. **SMAD- Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**, 2010; 6 (1): 1-16.
2. Aquino DS de. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? **Ciência e Saúde Coletiva**, 2008; 13 Supl: 733-36.
3. Dantas JB. Publicidade e Medicamentos: um mundo de imagens e promessas. **Interação em Psicologia**, Nov. 2010; 14(1): 131-38.
4. Barros ARR, Griep RH, Rotenberg L. Automedicação entre os trabalhadores de enfermagem de hospitais públicos. **Rev. Latino-Am de Enfermagem**, dez. 2009; 17(6): 1015-22.
5. Paulo LC, Zanine AC. Automedicação no Brasil. **Rev Assoc Med Bras** 1988; 34: 69-75.
6. Gandolfi E; Andrade MGG. Eventos toxicológicos relacionados a medicamentos no Estado de São Paulo. **Rev. Saúde Pública**, dez. 2006; 40(6): 1056-64.
7. Zucchi P, Del Nero C, Malik AM. Gastos em saúde: os fatores que agem na demanda e na oferta dos serviços de saúde. **Saúde e Sociedade**, dez. 2000; 9 (12): 127-50.
8. Silva CD, Ferraz GC, Souza LAF, Cruz LVS, Stiva MM, Pereira LV. Prevalência de dor crônica em estudantes universitários de enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, 2011; jul-set 20(3): 519-25.

9. Spindola T, Santos RS. O trabalho na enfermagem e seu significado para as profissionais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, abr. 2005; 58 (2):156-60.
10. Fernandes JD, Ferreira SL, Albergaria AK, Conceição FM. Saúde mental e trabalho feminino: imagens e representações de enfermeiras. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, mar./abr. 2002; 10(2): 199-206.
11. Martins, ERC. **As substâncias psicoativas e o trabalho de enfermagem**. [Tese]. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery. Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2006.
12. Duarte C, Dias LD, Brasileiro ME. Automedicação e suas correlações com a prática de enfermagem: uma revisão de literatura. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. jan-jul 2011, 1(1): 1-16.
13. Oliveira ALM de, Pelógia NCC. Cefaleia como principal causa de automedicação entre os profissionais da saúde não prescritores. **Rev. Dor**. Jun. 2011, 12(2): 99-103.
14. Magnago TS de S, Lisboa MTL, Griep RH, Kirchhof ALC, Camponogara S, Nonnenmacher CQ et al. Condições de trabalho, características sociodemográficas e distúrbios musculoesqueléticos em trabalhadores de enfermagem. **Acta Paul. Enfermagem**, abril 2010, 23 (2): 187-193.
15. Célia RCR da S, Alexandre NMC. Distúrbios ósteomusculares e qualidade de vida em trabalhadores envolvidos com transporte de pacientes. **Rev. Bras. Enferm.**, out. 2003, 56(5): 494-98.
16. Baggio MA, Formaggio FM. Automedicação: desvelando o descuido de si dos profissionais de enfermagem. **Rev. Enfermagem UERJ**, 2009, 17(2):224-8.
17. Munhoz RF, Gatto AM, Fernandes ARC. Automedicação em profissionais das áreas de enfermagem e farmácia em ambiente hospitalar na cidade de São José do Rio Preto –SP. **Arq Ciênc Saúde**, jul./set. 2010, 17 (3):140-5.
18. Lima RS, Naves JS. Práticas educativas voltadas à automedicação: revisão integrativa. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**. Edição especial, out. 2014, (5): 2830-49.

Sources of funding: No
Conflict of interest: No
Date of first submission: 2014-12-09
Last received: 2015-03-23
Accepted: 2015-03-25
Publishing: 2015-05-29